



Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO I ■ N.º 257 ■ PREÇO 1\$00

Campanha de Assinaturas

Quem quiser propagar, ideias boas ou más, procure os novos. Não há outro quadro da vida. Não é a experiência nem a maturidade, nem a prudência, nem nada. É o ímpeto. Sangue novo. Vida doirada. São os novos.

Esta campanha foi lançada por dois assim; Júlio e Avelino. A circular, veio ás minhas mãos depois de redigida e impressa. Se algum movimento esbocei, foi o de tentar impedir. Não temos organização, disse. Mas os rapazes são de outras vistas, puzeram a campanha na rua e têm cumprido. As listas são aos maços e não só listas, postais; e se não postais, cartas; e se não cartas, qualquer papel, qualquer recado, tudo. Nunca se viu tal! Os dizeres são preces. *Queria ter arranjado mais. Vão estes nomes por agora e fico a trabalhar. É tudo interesse. Tudo actividade. Sócios capitalistas! Idades. Posições. Categorias. Sexos. Nunca se viu tal!*

Eu ando contente. Se até hoje tenho posto calor nas regras de *O Gaiato*, doravante muito mais. Queria que ele fosse a Revelação. Caminho. Outro caminho. Palavra nova. O escândalo.

Contente, ainda, por esta maneira de ser popular. Quem puder fugir do povo que fuja. Quem amar a popularidade, cai no chão e morre. O povo é mau. É pérfido. Nos seus conceitos, opiniões, dizeres, críticas e até homenagens, o povo é perigoso. Popular não. Benquistos sim. E sobretudo amado. Quisera ser amado. Amado a distância. Amado interiormente, sem vistas nem aplausos. Amado somente pelas obras que Deus vem realizando no mundo por intermédio dos «padres da rua». Assim sim.



Além de ser barraca, é velha. Além de velha, é torta. Não obstante, é o abrigo de uma família de dez, segundo a notícia que temos! Está situada à beira da estrada na povoação de Santo Estevão, à saída de Chaves. Espera-se dentro em breve modificação radical. O mundo está a acordar. Levou 2000 anos a fazê-lo!

AGORA

Hoje é uma tal procissão! Muita gente. Muitas colectividades. À frente, são os componentes da Esquadra das Caldas da Rainha, fardados, com 250\$. Um deles vai a dizer *so-mos todos chefes de família, pobres, sem outros proveitos que não sejam os nossos vencimentos*. Nunca se viu tamanha devoção! Ao lado desta, forma o Pessoal da Junta Central das Casas dos Pescadores com 719\$50 na mão. Eles não dizem nada, mas pode muito bem aplicar-se a cada um a oração supracitada. Pode sim senhor. Um nadinha mais adiante, é o corpo docente do Instituto de Odiveiras, que aproveitando a ocasião de pagar suas assinaturas de *O Gaiato* também enfileira com 755\$. Até os marítimos! Os tripulantes do balhoeiro *Pedro Barcelos*, largam as redes e apresentam-se com 300\$. Aonde e quando se viu tanta devoção! Oliveira de Frades vai com 1 500\$. Lisboa, 500\$.

«Quando leio o seu jornal é sempre lavada em lágrimas mas também sei que isso nada remedeia, se tudo me impressiona, então o Património dos Pobres não imagina como eu fico ao ler as notícias. Esperava ir visitá-lo e levar-lhe 100\$ para ajuda das casinhas, mas nunca chegava a ocasião de poder dispor deles até que em Abril deste ano eu me propuz dar-lhe 10 por cento do meu trabalho, mas que só agora cumpro porque também não recebo logo, envio-lhe conforme ganhei. Não é ganho certo como vê mas dou com toda a boa vontade pois desse pouco-

chinho ainda tenho que pagar a quem me ajuda e tudo o mais que é preciso desde o vestir aos medicamentos. Do mês de Abril 160\$, de Maio 60\$, de Junho 70\$, de Julho 106\$, de Agosto 88\$, de Setembro 74\$, Outubro 50\$, e Novembro 55\$. E que Deus me ajude a eu poder dar assim aos bocadinhos uma casinha o mais depressa que possa ser em desconto dos meus pecados. Como agora fico em dia vou fazer o possível para poder mandar todos os meses.»

Como não havemos nós de renovar a fisionomia de Portugal?! Tantos valores escondidos! Quantas almas à espera, por não saber como a quem amar! Agora sim. Imediatamente ao lado vai a mãe com a costumada prestação do seu filho—100\$. Às vezes recebemos cartas dirigidas a *Património dos Pobres*, pura e simplesmente; e elas vêm cá ter! É a Palavra nova a marcar a era nova do Mandamento Novo. Aveiro forma com 20\$. Sabemos que a cidade de Aveiro anda interessada em construir casas, por isso, não mandem para cá. Lá é a terra das procissões. Façam mais uma. Um médico de Esinho leva 100\$. O Porto metade. Ao pé vai uma anónima com 500\$. Ao lado 100\$. A par outro tanto. O mesmo de Lisboa.

Outra arrumadela por favor. É o Porto que vai passar. Um senhor manda dez contos para ajuda de uma casa, de preferência no Porto. Mais espaço. Mais largueza. Deixem passar esta fidalga. Leva doze contos! Quando comecei a mendigar, em Coimbra, costumava bater a esta mesma porta, em horas de aperto; e sempre a encontrava aberta. Os anos

O NOSSO FUTURO LIVRO

Por estes dias chega o carteiro à porta. Júlio foi hoje ao Porto escolher cartolina. Os da encadernação estão dando os retoques finais. *Joannha* já fez o grude. Tudo a andar.

Ao contrário do que prometemos, o *Ovo de Colombo* não vai à cobrança. Não vai. Segundo informações que o Júlio me deu, seria necessário preenchermos aqui um vale para cada exemplar, como determinam os C. T. T. Isto quer dizer que logo de princípio tínhamos de escrever quatro mil documentos, pois tantas são as fichas dos assinantes. Ora a expedição do livro é feita pela secção do Júlio, que tem apenas por ajudante o Manuel Pinto. Se fossemos a transferir este trabalho para a secção do Avelino, seria uma interferência mui complicada. Ali são quarenta mil fichas. Avelino tem apenas um ajudante de responsabilidade. *Tomar e Côco*, auxiliares, não dispensam o *Tareco*, que é um gato da casa mãe. Ali há três; um do cozinheiro, um do Tomaz e este do *Pombinha*. *Pombinha* empreta o *Tareco* e é frequente vê-lo a dormir sobre a mesa dos dois, no meio de maços de jorrais e caçoilas de grude. Por isso, Avelino, mal poderia tomar conta. Não há ninguém que não concorde comigo neste particular. Proibir a entrada do *Tareco* no escritório? Lá ia toda a graça da nossa aldeia! Gatos, cães, galinhas, perús, gansos, pintainhos, vacas, porcos, bois, pardais, pombas; tudo isto no meio dos rapazes e eles no meio de tudo isto. Eis a beleza. Não. Não podemos fechar a porta ao *Tareco*. Resolvemos pois enviar o livro a cada um e por não haver notas de dez escudos, pedimos a cada assinante que haja por bem fazer um vale daquela quantia. É mais fácil fazer cada um o seu, do que nós aqui, com a gente que temos, fazer quatro mil deles. Aqui está.

correram. Nunca mais tive notícias desta Senhora. Perdi-a de vista, mas não Ela. Aqui a temos. Os senhores afastem-se.

Agora que a procissão ia a recolher, eis que se vê ao longe e ouve-

(Continua na segunda página)

DOCTRINA

ISTO É A CASA DO GAIATO

Tenho aqui à minha frente comunicação da Embaixada Americana, da existência e actividades da chamada República Infantil de George, sita no distrito de Nova York. O seu presidente é um rapaz de dezassete anos Gerard Morrison, o qual recebeu um telegrama do Presidente Eisenhower, no dia em que foi eleito. Os seus assistentes são rapazes da mesma idade. Em tudo e por tudo esta República em miniatura pretende ser réplica fiel à República dos Estados Unidos da América.

Data da era 1895, em que o senhor George, conduziu uns tantos rapazes da rua para o campo e obteve de cada um a resposta de que sim senhor; gostariam de ficar ali a trabalhar. A divisa é *nada sem trabalho*. A aldeia compõe-se de dezasseis edifícios; tantos como a nossa. Tem 125 rapazes; nós temos 190. Cultivam uma quinta de duzentos hectares. Governam-se. São livres. Fazem-se homens. *Nada sem trabalho*.

Não há ninguém que tanto aprecie estas notícias como eu. Elas confirmam. A Verdade produz os mesmos efeitos, posta em igualdade de circunstâncias, seja em que parte do mundo for. Já aquela república pediu nada à nossa obra. Tão pouco ali fomos buscar. E não obstante um oceano de perneio, nós somos iguais. O poder da Verdade!

Quinta não. As que temos são um arremedo e não esperamos que haja em Portugal quem nos ofereça uma em condições. Não esperamos.

Mas fora de portas, isso seria possível. Não digo duzentos, mas sim dois mil hectares. Chamo *fora de portas* aos altos e planaltos de Angola. Outra vez *fora de portas* ao Sul do Save e Angónia. Qualquer um destes lugares é Portugal. As distâncias hoje desapareceram. Um cento destes nossos rapazes poderiam ser para ali conduzidos e orientados a trabalhar no verdadeiro sentido da riqueza agrícola, isto é, tirar pão da terra para dar pão aos irmãos. Faz tanta falta esta doutrina! Anda tão mal repartido o solo e sub-solo! Tão poucos a usufruir o que está posto para o bem de todos! Quanto não sabemos nós a este respeito; e quanto calamos! E se alguém fala, oh riscos!

Ora a verdade toda é que Deus dá à terra a força de produzir e aos homens a lei de distribuir. Não hão-de ser as medidas económicas: É o Decálogo. Sim. Cem destes rapazes. Outros e outros. Muitas mãos a trabalhar a

se grande tropel. Esperou-se. Eram as Telefonistas com 320\$00. Também elas entram na procissão. Oh procissão! Perguntei aqui ao Júlio, o meu informador, e ele disse-me que sim. Que agora se podem casar. Sempre puderam. Quem pode mexer na liberdade interior do homem, sem profanar?! Pois que venham mais. Casadas ou solteiras, consoante a sua própria eleição, que venham todas.

Fizemos uns mealheiros e todos os meses lá caem as nossas moedas. Oxalá que a grande estação da Pica-ria e todas as outras nos sigam o exemplo. Amen.

terra. A tirar dela riqueza. Dizem que somos catorze vezes maior do que Portugal e ainda nove vezes maior do que Portugal, se nos metemos em Angola e Moçambique. Quantas mãos são ali precisas! Quantos portugueses ali chamados! Como é precisa a doutrina de irmos lá buscar pão para dar pão aos irmãos! Veremos que chega para todos, ou então vamos admitir que Deus falhou!

Nós temos pedreiros. Temos carpinteiros. Temos ferreiros. Todas as artes domésticas Também tiramos da terra o pão e os frutos das nossas quintas. Em Paço de Sousa, tivemos a passar de vinte pipas de vinho e vides postas para o dobro. No Tojal, mais de duas de azeite. Em Miranda um bocadinho de tudo. Possuímos e tratamos toda a sorte de gado e animais domésticos. Temos os olhos abertos. Nada nos seria estranho ou desconhecido. Podíamos ir, mas não vamos. Não iremos enquanto os homens feitos, se não habituarem a ter confiança nestes rapazes que se querem fazer homens. Se, por experiência, eles quisessem tentar a empresa de rapazes, certo é que havia de ir um combóio a tomar conta!

Quintas não. Não nos podemos

(Continua na 4.ª página)



TRIBUNA DE COIMBRA

Tenho andado ainda a saborear os dias que passei com um grupo de vinte na Praia de Mira. Não foi a gozar, nem sequer a veranejar; mas sim a tratar da saúde que é um dom de Deus e como tal a devemos cuidar. Necessitava eu e comigo foram vinte não menos necessitados.

A Praia de Mira é, como muitos muito bem têm afirmado *a sala de visitas da região*. Tudo ali nos convida; todos nos acarinham. Primeiro as belezas de Deus: o mar imenso a perder de vista; a areia espreguiçada ao sol até ao fim do horizonte; a barrinha encantadora a mirar-se ao sol. Depois a acção do homem: a floresta, autêntico «jardim de Portugal à beira mar plantado»; os viveiros do mais variado peixe; a margem florestal artisticamente preparada a espelhar-se ao longo da barrinha. Duas majestades nós ali encontramos: o mar azul, furioso, traçozeiro e altaneiro; e a floresta verde, densa, amena e acolhedora. Duas conclusões brotam da nossa mente: graças a Deus pela obra da criação e graças aos homens que nos governam que a souberam aproveitar para fazer daquelas areias e dunas um mar de verdura e de riqueza e de encanto. Outra lição é a do trabalho. A vida daquele povo é uma vida exaustiva quando o mar deixa pescar. Mal desponta a manhã e já uma multidão de homens e mulheres se encaminha para os barcos e os homens do mar despem parte da roupa, muitos fazem o sinal da cruz, sobem ao barco, tomam os remos e afazem-se ao mar. Ali os barcos e redes são puxados a homens e juntas de bois. Assim andam naquela luta até ao anoitecer, enquanto as mulheres em terra

*** Hoje foi aqui uma bomba. Uma grande bomba. Painço fugiu. Ele era da oficina de ferro. Mil a notícia corre, eis que todos largam as suas obrigações, dirigem-se às suas casas e vão às suas malas e gavetas ver como, quanto e se tinham sido roubados; todos aqui em casa conheciam o Painço... O Fonseca, da mesma oficina, foi o primeiro a queixar-se. Estava roubado! Era o dinheiro da consoada do seu pobre, que de véspera lhe haviam dado, em reunião de vicentinos. O rapaz, não esteve com meias medidas. Sem pedir licença a ninguém, vai no encalce do Painço. Nós já sabemos o caminho dos furtivos. Não muito longe da aldeia, deu com ele. Corta por um atalho e sai lhe de frente. Levava na mão um calhau. Faz alto. Avisa: *Páras ou arrumo te*. Painço não parou e o Fonseca não arrumou. Aquele meteu a mão na algibeira, atira com o dinheiro e foge. Tudo liquidado sem sangue. Se cá temos ladrões, também polícias.

Fonseca chega a casa e conta. Na oficina pergunta ao mestre se ele, Painço lhe não teria roubado o relógio. Mestre responde que o tem a consertar. Fonseca pergunta mais e quer saber dos seus dois anéis, e mestre responde que os tem na algibeira do casaco. Nada de receios. Ao fim da tarde e pronto para sair, mestre veste o casaco, vai ao bolso pelos anéis e descobriu. Cuidava que os tinha...!

Painço era chefe de uma quadrilha de menores entre Espinho e Aveiro, pelo que está pronunciado na Comarca da Feira. Está connosco há uns cinco anos. Tem fugido. Tem regressado. Não melhora. Dispõe aqui de todos os meios para conhecer e evitar o mal. Nunca os aproveitou. A liberdade do homem e a violência de Deus, hão-de ser sempre o grande mistério fechado à nossa pequenina inteligência.

*** O Presidente tornou a fugir. Hoje é a notícia das fugas. Depois de o ter aqui em casa, à prova, por uns meses largos, fiz-lhe um grande sermão e tirei-lhe a promessa de que, novante no Porto, ele seria fiel ao seu novo emprego. Prometeu, mas não cumpriu. Não foi honesto. Furtou. O chefe do Lar, chama-o a contas e ele resolve fugir. É a triste e frequente maneira de estes rapazes resolverem os seus problemas. Triste mas fácil, quanto a eles. O mundo está lá fora e oferece toda a sorte de facilidades. Assim como o Painço, ainda que em menor escala, também Presidente se ocupava em roubar. Como aqueloutro, também este tinha na Obra todas as oportunidades de distinguir e determinar-se. Escolheu a pior parte. Outra vez o mistério!

*** O António de Arouca, moço de dezanove anos, foi convidado a entrar e deter-se no seu quarto, durante quatro domingos seguidos. Este rapaz era difícil, mas nós estamos aqui para isso mesmo e não repudiamos ninguém. Em vez de aceitar o castigo, escolheu de outra forma e foi-se embora. Anda por lá. Estes são os que provam a necessidade das prisões.

*** Por último, temos o Manel do Embrulho. Manel do Embrulho, foi aviar um recado naquele dia. Regressa. Dá contas à senhora da cozinha. Era um domingo. À hora do jantar, não havia quem nos servisse. Chama-se por ele. Torna-se a chamar. Alguém informa que o Caraças também não está. Era meio dia. Chamo pelo Abel e peço-lhe que se meta a caminho por causa deste último que é dos Batatas. Abel monta na bicicleta e deu com eles em Baltar. Caraças já ia derriado, mas o instigador não. Mais forte e finório, sai da estrada e mete pelos campos. Abel dá atrás dele e cai por uma ribanceira abaixo e desanima. Chegou a casa com as calças rotas e uma perna esfolada! Horas depois, era o chefe da Guarda de Valongo a denunciar que tinha lá o furtivo e que é que devia fazer. Respondi que o deixasse seguir o seu caminho. No dia seguinte, aparece aqui o Manel do Embrulho, pela mão de uma mulher, que vive na companhia de seu pai. Tinha chegado a Gaia, diz ela, à noitinha. Que o pai não o trouxe por estar ausente. Que já em casa lhe batera e que se eu quisesse, tornava a castigá-lo. Nem em casa nem aqui. Quem não ama não pode castigar.

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRAFICOS, CONSULTE A TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO PAÇO DE SOUSA

PADRE HORA'CIO

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Depois de termos falado de uma casa construída em S. Martinho do Campo e de termos, até, pedido aos nossos leitores os vinte contos que ela custou; depois de tudo, digo, chegou a hora de dar a notícia e vistas da sua entrega. Foi no dia da Imaculada Conceição. Eram três horas da tarde. Não me foi possível comparecer, mas não creio que outra inauguração com maior número de casas, tenha tido uma tão formidável assistência. A fotografia dá uma ideia. Era a vila inteira de Valongo. A freguesia de S. Martinho do Campo. A freguesia de Sobrado. Outros lugares. Outros povos. Muita gente. Chamou-se pela guarda republicana. O regedor. Autoridades. Tendo eu passado por ali no dia seguinte e sem saber ainda o que aquilo tinha sido, admirei-me por ver a terra tão calcada. Parecia que tinha ali andado um cilindro das estradas. Enquanto observava sem atinar, um homem aproxima-se e diz: *Olhe que foi aqui muito mais gente do que na S. Justa.* Todos nós sabemos que a festa de Santa Justa no alto de Valongo, é uma romaria importante e muitíssimo concorrida. Pois ali foi mais.

Se vamos à lógica das coisas, achamo-nos naturalmente embaraçados. Não há nada que explique a presença de tanto povo. Primeiramente a casa; uma e muito pequena. Uma casa pobre. Depois os seus habitantes. Gente pobre, sem parentes nem aderentes.

A própria mãe, dias antes, tinha me dito com grande queixa do povo, que lhe morrera a sua menina e ninguém foi à enterro. Ora sendo assim, a que propósito vem hoje este mar de gente quando antes, em hora de saudade, não aparece ninguém? Não. Temos que sair da lógica, procurar por outros stios, abrir a inteligência, ir ao fundo. Aproveito a ocasião de apresentar neste número a fotografia de uma barraca com sua família à porta (outra família noutra barraca) e aqui temos a chave do enigma. É a barraca! Os milhares e milhares e milhares de S. Martinho do Campo, quer de lenço, quer de manta, de chinelas ou sapatos, gravata ou sem ela, pintados e por pintar; todos quantos ali estavam, por palavras, por gestos, por acenos e com lágrimas nos olhos, vieram dizer publicamente que basta. Basta de barracas. E usando cada um a mesma linguagem, disseram que assim é que está bem; uma casa decente para cada família pobre. Encheram-se. Esta gente santa, de calos e de canseiras, vieram-se encher. Era assim que

as multidões procuravam e seguia Jesus de Nazaré. Era assim. Não havia as cerimónias. Não havia o protocolo. Nada postico nada convencional. Nada complicado. Era a alma. Era a ansia. Era a fome; e Jesus, a Verdade.

Não há lógica. Não há regras. É tudo extravagante. Um pequeno cheque que se enviou à formosa vila de Araiolos, produziu ali um movimento fora de toda a proporção. Dito desta terra, dito de muitas outras do Alentejo. As cartas são de todos os dias e de toda a parte. A última é de Alcobaca. Aveiro acaba de sair para a rua. Braga não se fala. Em boa hora confiamos à Igreja o *Património dos Pobres*.

Ontem à noite vieram aqui três jovens da cidade do Porto. Cada um deles é e os três representam um grupo de vinte vicentinos. Vinham cheios de mocidade e de zelo e de fervor. Pediram e a Câmara vai lhes dar terreno no Monte do Seminário. Eles vão ali construir. As suas palavras queimavam. O seu verbo é *fazer*. São da nova lei. Vamos ter casas para pobres no Monte do Seminário. Carvalhido, sabe-se que já começou. Paranhos está para isso. Miragaia, quanto antes. É um terreno cheio de sol. Não podemos construir menos de vinte e cinco delas. Do edifício da Alfân-



Tudo isto morava num buraco! Não devemos ir buscar mais longe a razão do formidável aglomerado. Não devemos. Ouvi dizer que muitos olhos choravam sim, com estas lágrimas e que se fazem casas. Muitas casas. As recisas.

Como está pertinho da Alfândega, soprando o vento, temos labaredas. Labaredas quer dizer uma casa. Uma casa quer dizer a ressurreição de uma família do Barredo.

Se ele é verdade que tantas casas trouxe de Africa com p-dido de uma placa, porque não aqui? Ou serão mais portugueses os nossos

encontram os terrenos que a Câmara nos ofereceu! E a rua de S. João? E a dos Ingleses? E a do Mousinho? Paredes a meias destas, existe um mundo, que por medo e por vergonha, ninguém quer descobrir. E contudo ele é. Existe. Está.

BOAS NOTÍCIAS

Os nossos grandes diários, por vezes, trazem coisas que valem a pena. Há dias, eram duas notícias em dias seguidos, qual delas a mais rica. A Companhia Portuguesa de Celulose começa a exportar para a Inglaterra. A matéria base é o nosso pinho. Os nossos pinhais. As nossas grandes florestas da Florestal. A Terra! Assinam-se contratos de construção de navios para a América! Os nossos estaleiros. Os rebites. O martelo. A forja. Quantos lares remediados!

Dá gosto ler; por isso desejo transmitir. Pudesse eu fazer o mesmo às minhas impressões, que me levam horas a saborear.

Notícias da Conferência da Nossa Aldela

Ainda que à laia de «últimas notícias», como é hábito na gíria jornalística, não me furto que transmita a alegre notícia de que os Pobres socorridos pela nossa Conferência de S. Vicente de Paulo, receberam, na quarta feira, cada bico, um litro de azeite, uma regueifa, cinco quilos de batatas e um belo bacalhau! Descrever-vos o contentamento, a alegria dos Pobres, não posso, por causa das lágrimas. Tudo isto foi varrido pela comoção.

Até à data, ainda pouco veio para pagar a consocada. Hoje e amanhã, pode ser que a coisa mude. Entretanto, quem há para aí que rape da carteira e liquide as quantidades supra citadas? São 14 bicos. Quem for, avise; nós cá estamos para lhe beijar as mãos.

A direcção é a mais conhecida de Portugal: Casa do Gaiato—Paço de Sousa.

Júlio Mendes



Eis a casa que teve foros de grande acontecimento. Ela representa uma ideia em marcha. Toda esta gente sabe que por detrás estão mais de duzentas e a seguir, vêm mais de mil.

dega, olha-se para lá. Anda ali fogo e é o próprio Director! É ele quem assopra! Funcionários. Despachantes. Todos. Anda ali um grande incendio! O meu receio é que ele se propague ao edifício da Companhia dos Vinhos...! A Velha. Ali é tudo velho; o edifício, os costumes, os rótulos, as garrafas, o nome, a fama, —Os Vinhos!

do Ultramar? Sim. As que de lá trouxe, são todas feitas de migalhas. Algumas, mesmo de muitas migalhas. Pois se pouquinhos lá, porque não pouquinhos aqui? Casas no Monte do Seminário. Casas em Miragaia. Serão estas as linhas avançadas de uma reforma inteligente e humana do Barredo, pois que no Barredo se



Era assim a «bicha» em direcção à casa inaugurada. Idades. Sexos. Posições. Todos queriam ver e apalpar.

PELAS CASAS DO GAIATO



Aqui, LISBOA!

PAÇO DE SOUSA

O Paço, resolveu fazer mais uma das suas... Com a sineta a tocar três vezes ao dia, a aprender o seu officinho aborrecido se desta vida e resolveu ir passear. Com esta é já a sexta vez que isto acontece.

Desta resolveu roubar o dinheiro que o seu colega de oficina Fonseca, tinha para o pobre. Mal o Paço fugiu e o Fonseca deu pela falta do dinheiro, lançou-se em sua perseguição e ia-o caçando. Só não o fez porque ele deitou o dinheiro ao chão, quando viu o Fonseca perto de si...

Não sei quanto tempo andará por lá, mas também não sei se voltará, pois ele não gosta nada do trabalho. É um condenado.

—Agora temos cá muitas aves: muitos patos, perús, galinhas e pombas.

É um regalo ver os patos e os gansos a nadar e a perfoliar. Um rancho que nunca se separa. Já têm apelido: *guarda nacional republicana*.

Os perús que também andam sempre juntos e o que um faz os outros logo o repetem e até dão a impressão que andam no jogo infantil «faz tudo», também têm o seu apelido: «O Rancho do Chosinhas».

—A nossa tipografia está numa forma formidável. Tem servido os clientes razoavelmente, perante o nosso contentamento, pois vemos que estamos a dar bom rendimento, e com o qual muito teremos a lucrar na vida prática.

Anda no prelo a última folha do livro: «*Os de Colombo*». Por isso, já vão sendo heranças dos nossos amigos se inscreverem, para não haver confusão e os trabalhos seguirem normalmente.

Lembre ainda, que temos alguns exemplares de «O Barredo». Vejam lá, é despacharem-se mais um bocadinho.

—O Luís de Carvalho, *Presidente*, que esteve entre nós durante muito tempo e que foi para o Porto, para um emprego devido ao seu bom comportamento, regressou de novo, por se ter portado mal.

Ele é fraco e vem de novo adquirir as forças necessárias, para ser um homem.

Daqui lhe damos o nosso apoio moral, de que todos carecemos nas horas más.

—Mais uma vez agradecemos aos nossos amigos que todos os dias nos têm enviado roupas

usadas, novas e até cortes de fazenda muito bons e muitos livros e rebuçados para o nosso doentinho Caetano, que tem acusado muitas nelhoras.

—Tenho também a registar as fertas de selos dum senhor de Sá da Bandeira, Angola, que não pôde o seu nome e ao senhor A. Napoleão Vieira e Sousa, hfe das alládegas de Luanda que me envaram uns lindos selos: animis, aves, peixes, sendo uma parte por carimbar.

Muito obrigado a este senhor que já é a segunda vez que me envia selos e me enviou também um cartão de Boas-Festas.

—A minha coleção ficou muito valorizada, com dois grandes maços de jornais: *Os Ridículos* e a revista *Viagem*.

Amigo, e tens alguns jornais não os estragues, envia-os para este coleccionador.

—Para fechar, tomem nota desta do *Requeche*...

Como o seu relógio num destes dias de Dezembro estivesse atrasado uma hora, ele disparou:

Pois é, você, faz um barulho de noite e o relógio atrapalha-se!

—Os Tipógrafos comunicam ao caro amigo Hélio do Lar do Porto, para se apurar mais um pouco que, com o andamento jornalístico que leva, brevemente tem nome...

Daniel Borges da Silva

LAR DO PORTO

Gostaria que os nossos amigos leitores não se esqueçam do nosso Lar, que a todos os momentos espera as vossas ofertas, que bem falta nos têm feito.

Pcs o informar que desde que comecei a tomar conta desta secção de notícias, ainda não fomos infelizmente reconhecidos com nada do vosso poder, ao qual eu venho novamente relembrar essa falta de compensação.

Estamos todos empregados, com excepção dos cozinheiros Canico e Miguel que são os encarregados de fazer e servir a refeição a horas. Todos os restantes têm de comparecer nos seus empregos. O pior são os ordenados que não chegam para cobrir as despesas da casa. Por isso somos obrigados a pedir auxílio aos amigos leitores que se não devem esquecer, de mandar roupas, e mercearia, para consumo da casa, e para também satisfazer os pedidos diários aos nossos pobres da conferência, a que temos que acudir em grande número, principalmente todas as semanas. Desde já, nós os deste Lar do Porto, agradecemos. É favor mandar para a Rua D. João IV, 682—Porto.

Hélio

DOUTRINA

Continuação da segunda página

igualar neste ponto à *República Infantil de George*. Mas noutras actividades sim. Temos a indústria. Produzimos. O *Gaiato* é a prova. Este é feito e impresso e expedido e administrado por rapazes. Eu confesso que não sei preços, qualidade ou quantidade de materiais. Nunca perguntei. Não quero mesmo saber.

Se algumas vezes entro nas oficinas, é simplesmente para gozar a vista de dezenas e dezenas de rapazes ocupados e encher-me da alegria de que, se não fosse assim, ninguém poderia dizer com verdade o que seria de cada um. É só isto que ali me leva. De resto não preciso dos meus olhos nem da minha inteligência para mais nada. Quero confiar. Quero olhar para os administradores com aquele enlevo que escandaliza. Além do mais, são ainda estes rapazes que promovem a venda de *O Gaiato*. O que eles por lá fazem e dizem!

Quanto semeiam! Quanto recolhem! Tudo isto que digo é espantosamente verdadeiro. Mais espantoso, ainda, se eu declarar que os administradores do jornal, pelo número elevado de subscritores que conseguem, são os responsáveis pelo vestir, calçar, alimentar e educar quatrocentos rapazes da rua, que tantos são os que actualmente enchem as casas nos distritos do Porto, Coimbra e Lisboa. Milhares de escudos!

Quem nos não há de amar? Só os perversos!

P. S. Tem graça que, estando eu ocupado com este trabalho, entra o carteiro. Começo a abrir. Vinha

esta carta. Como esta quantas?! «Sabe o que tenho pensado que seria uma grande obra, se aqui se fizesse? Era uma feitoria ou roça onde miúdos—por exemplo os miúdos do Padre Américo—pudessem trabalhar. Terra boa e bom clima, onde se possam fazer plantações de grande rendimento, não faltam, e uma fazenda, passados os dez anos, já poderia dar alguns contos de rendimento, com todo, ou quase todo o trabalho feito por crianças que tivessem já, mais de 11 a 12 anos de idade. Estas crianças seriam, assim, criadas e educadas a trabalhar, com um princípio bom, num serviço—a agricultura—que será sempre a base de tudo, pelo menos no nosso povo. Depois conforme fosse o rendimento, assim se poderiam admitir mais rapazes e mais podiam ser as obras para ajuda das crianças. Assim se poderia fazer uma obra, onde crianças desamparadas da sorte—algumas, talvez perdidas pelo ambiente em que se criam—pudessem ser criadas em bons princípios. E talvez também fosse uma nova forma de colonização pois que aos rapazes com certa idade seria prestada toda a assistência para poderem fazer a sua fazenda. Apesar de, depois, o rendimento ser bastante para suportar as despesas, é certo que os primeiros anos seriam bastante difíceis, mas se houvesse ajudas, tudo se conseguiria. E porque assim é, julgo que valia a pena tentar alguma coisa. Assim lhe dou uma ideia possível de realizar.»

Natal! Andam ainda no ar por toda a Casa, suaves melodias desta quadra! «Noite Santa, chega enfim!» «Alegrem-se os céus e a terra!» Ouvem-se também, por toda a parte, assobios estridentes de pífaros e gaitas de beijo, que os nossos amigos trouxeram para aí às mãos cheias. No refeitório não faltam os mimos e a fartura das casas de família abonadas: uma v tela, boroas doces, vinho fino Haja alegria plena, ao menos um dia no ano! É o Natal! O de Jesus é a festa dos Pobres.

Para ser plena, esta alegria, não podia faltar a parte espiritual. Num concurso de presépios foi difícil classificar o melhor. Todos procuraram, com paixão, pôr em evidência as suas habilidades. Houve também concurso de boas acções e sacrificios em que os nossos benfeitores ficaram a ganhar. Dois sacerdotes espanejaram as almas e, na comunhão da Missa do Galo, pôde o Menino Jesus constatar o mérito dos que mais têm lutado por se corrigir.

Não admira pois que os donativos afluíssem generosos de todo o mundo. O primeiro a dar sinal veio de África, de Vila Pery 500 para a ceia dos pequeninos. Depois foi a América com 21 dólares; a seguir Lisboa com três vales de cinco contos, dum nosso irmão espanhol. Tendo começado também o advento, não podia ter deixado de continuar melhor, conforme se vai ver.

Cem, do Porto, para os pobres da Curraleira. Para o ceguinho da mesma, várias dezenas de pacotes de cigarros de todas as marcas. Quando recebeu a primeira embalagem, o velhinho joilhou no chão, e, entre soluços, pronunciou esta verdade eterna: *ai que Jesus é tão meu amigo!* O pensamento foge-lhe para a fonte. Nem visitador nem benfeitores longínquos, o Mestre de todos é que vale: Jesus!

Perguntado mais tarde se tem fumado alguma coisa, responde satisfeitiíssimo: agora sim; a valentona! Mais tabaco fino dos nossos Amigos da Vacuum.

Um vidro de 110\$ para o Património; toda a caixilharia das 2 casas agora entregues, ainda de Monte Redondo. Mil da primeira prestação, para uma casa. Bolos de Bucelas e 50; duma pequenina de Nampula 50; 20 duma promessa para os pobres; outro tanto do assinante 20479. De Fátima várias dúzias de terços, muito disputados pelos rapazes e pelos doentes do sanatório. Para os mesmos, mais Evangelhos. Mais luz portanto! Por alma da tia Luz 500; De Lisboa 120 e 50 e 20. Bucelas volta com 500 e azeite; No Lar 100 e 200 e remédios e roupas. No Montepio, além do que lá ficou registado nas listas, duas carradas de pacotes. Vale-nos a forgonete que vai recolher aqui e além. De vez em quando lá vem um recado: mande cá a carrinha! E a carrinha gira imediatamente. São mobílias, roupas, brinquedos, livros e bugigangas... e dinheiro para a gasolina; 200 da Vacuum, além dos habituais 40 litros. Dos seus invencíveis empregados 1 222\$50; 1 040 dos empregados do Grémio dos Seguradores. Vamos ter despique? 173 da Nestlé também sempre fixe. Dum Engenheiro da R.

Passos Manuel 300; da cascata de Hufla, cotização de um grupo de admiradores, 120; 100 mais 75 dos Restauradores. Sim, que Deus nos oiça! 1000 para o Património e roupas de uma família visitante; 50 do *Zé sem mais nada*.

Nos CTT 35 encontrados algures; 100 em sufrágio, para os pobres. Se tivéssemos «O Gaiato» por nossa conta, seria pequena para contar todas as desgraças que temos topado: mães em farrapos com dores de parto, uma a exalar o último suspiro com quatro filhitos à volta, barracas desmoronadas pelo vendaval, tuberculosos e tuberculosos a definharem em antros horríveis, desasseis pessoas numa acanhadíssima barraca, etc etc. Para mais uma casa para pobres 50 e roupas de lã; 20 das Lages que repetem mensalmente; duma avó 200; quatro camisolas de serões da avó. Que abençoados se são! Que lição para as senhoras que não sabem como matar o tempo. Para a igreja, cada vez mais linda, mais seis contos do povo do Tojal. Ainda do Tojal uma vitela para a consoada e mais três mil da fábrica vizinha da Abelheira. São ingleses e protestantes, mas também dão lições de caridade evangélica. Da Câmara de Loures outras três. Está ali em elaboração o levantamento do ramal que nos há de ligar à estrada de Bucelas. Precisamos da obra concluída para a inauguração da igreja. A presença das Autoridades e dos nossos maiores e numerosos Amigos, a missa nova do Senhor Engenheiro, os Monumentos Nacionais de pedra e os de carne e osso que são os gaiatos, tudo e todos exigem o imediato arranjo da estrada. Tanto como tudo isso o reclama, o bom nome da Câmara e das Pessoas que a orientam.

Mais carradas de coisas e 100 e 10 da mãe de dois Fernandes para a consoada dos pobres da conferência e 50 e 20 para o mesmo fim. De Cataguais (Brasil) 100 e 50 e 50. Do Grupo Desportivo da General Motors 250; 60 à porta duma igreja. Em cumprimento duma promessa 50; 20 duma figueirense; 50 duma sacerdote. Revistas e mais coisas da Calçada de Santo André. 200 para o Natal dos pequeninos da Curraleira. Vamos depor essa missão nas mãos das irmãs do P. Foucauld que já regressaram àquela dura missão. De Catumbela 50. Mais missolas do Tojal e 500 de Sá da Bandeira. Por intermédio do *Diário de Notícias* 1000\$00; 50 duma promessa; 100 duma Irmandade de Santa Isabel. Coisas várias no depósito do Banco de Portugal; 50 da maior pecadora do mundo; 50 para o açúcar da consoada dos batatas; 5 000 dum visitante espanhol que todos os anos se vem desobrigar tão nobremente. Uma insignificante migalha de 100, à porta duma igreja e mais 50; 100 do Grémio dos Industriais de Farmácia e 400 dos Exportadores de Azeite. Mais brinquedos, e broinhas do Natal dos já consagrados Amigos desta casa que nunca faltam neste dia. Que por tudo isto Deus seja louvado!

PROPAGA!

«O Gaiato»

Angariando novos assinantes